

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA – PUC
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA, SOCIEDADE E CULTURA**

BRUNA MORETE DE CARVALHO

**A SERVIÇO DO GOLPE:
O GLOBO E A CAMDE NA DÉCADA DE 1960**

SÃO PAULO – SP

2020

BRUNA MORETE DE CARVALHO

**A SERVIÇO DO GOLPE:
O GLOBO E A CAMDE NA DÉCADA DE 1960**

Projeto de pesquisa apresentado à Pontifícia Universidade Católica (PUC), para a aprovação no curso de especialização História, Sociedade e Cultura, sob orientação do Prof. Doutor Luiz Antônio Dias.

SÃO PAULO – SP

2020

Resumo

Esse projeto pretende analisar como ocorreu a colaboração da imprensa, em especial o jornal O Globo, para a formação da opinião pública na construção de uma atmosfera de um perigo iminente para o país (um possível governo comunista no Brasil) e a necessidade de se combatê-lo, bem como a união deste jornal com o grupo feminino anticomunista CAMDE, entre os anos de 1961 e 1964. A CAMDE (Campanha da Mulher pela Democracia), foi um grupo feminino católico e anticomunista, fundado em 1962 por Amélia Molina Bastos e extinto na década de 1970. Através de comícios e panfletos financiados pelo Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) e Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES), propagava sua ideologia e se posicionava energicamente contra o governo de João Goulart. Além da estreita ligação que possuía com o IBAD e IPES, também contava com o apoio do jornal O Globo. Para esta pesquisa, serão utilizadas como fontes primárias os editoriais, manchetes e matérias veiculadas no jornal O Globo entre agosto de 1961 até maio de 1964, analisando as notícias relacionadas a renúncia de Jânio Quadros e ao governo de João Goulart, e como o jornal selecionava, publicava e se posicionava a respeito dessas notícias. Também é importante para esta pesquisa entender o destaque que, paulatinamente, o O Globo passou a dar para a CAMDE em suas páginas, pois o apoio deste jornal foi fundamental para que entidade ganhasse notoriedade e propagasse seus ideais anticomunistas. Além do jornal, serão utilizados como fontes o Livro de Cabeceira da Mulher (Ano I, Volume 5) de 1967 e uma edição especial da revista Seleções de novembro de 1964, ambos contendo uma entrevista concedida por Amélia Molina Bastos, exaltando a importância dela e de seu grupo (CAMDE) entre os anos de 1962 a 1964 e os acontecimentos que culminaram no Golpe de 1964, sob a perspectiva dela (Amélia). Posteriormente, pretende-se analisar os panfletos e outros materiais produzidos pela CAMDE neste período.

Introdução

Em 1961, o então presidente Jânio Quadros, de forma inesperada apresenta sua renúncia ao cargo máximo do poder executivo brasileiro, após sete meses de mandato. O vice-presidente João Goulart – que estava na China em missão comercial na ocasião da renúncia – assume a presidência do Brasil.

Desde o governo de Getúlio Vargas, onde ocupava o cargo de Ministro do Trabalho, João Goulart sofria forte oposição do Exército, resultando na sua demissão após o memorando dos Coronéis, assinado por mais de oitenta oficiais em fevereiro de 1954.

Segundo Dreifuss, ao assumir a presidência da República em 1961, João Goulart contrariava não somente os militares (que inclusive tentaram impedir a posse de Goulart, sem sucesso), mas também “as expectativas dos empresários multinacionais e associados” (DREIFUSS, 1981, p. 163)

Em 1959, estes empresários se uniram e criaram o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), conhecido publicamente através de sua revista Ação Democrática. Porém, após a posse de Goulart e uma polêmica quanto a captação de recursos provenientes de entidades estrangeiras e o financiamento de candidatos anticomunistas nas eleições de 1962, a entidade foi fechada¹ por meio de um decreto do então presidente.

Em 1961, organizado por empresários de São Paulo e Rio de Janeiro, unindo as classes capitalistas e as Forças Armadas, surge o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES). Criado com o intuito de “propagandear os ideais liberais e democráticos, notadamente as vantagens da livre-iniciativa sobre o comunismo e o estatismo”(MOTTA, 2000, p. 300), o IPES teve como um poderoso e eficaz aliado para propagandear seu viés ideológico, a imprensa que, segundo Dreifuss (1981), teve seu lançamento favorecido de forma ampla pelos diversos meios de comunicação, dentre eles, O Globo.

O IPES conseguiu estabelecer um sincronizado assalto à opinião pública, através de seu relacionamento especial com os mais importantes jornais, rádios e televisões nacionais [...]. Diversos jornalistas influentes e editores de O Estado de São Paulo estavam diretamente envolvidos no Grupo de Opinião do IPES. Entre os demais participantes da campanha, incluíam-se: J. Dantas do *Diário de Notícias*, a TV Record e a TV Paulista [...] e *O Globo*, das Organizações Globo do grupo Roberto Marinho [...]. Eram também “feitas” em O Globo notícias sem atribuição de fonte ou indicação de pagamento e reproduzidas como informação fatural. (DREIFUSS, 1981, p. 233)

Causando grande impacto na opinião pública, estas notícias tinham o poder de manipular toda a população a acreditar em uma situação de crise que muitas vezes não existia, estabelecendo um clima de insatisfação e desconfiança para com o governo e auxiliando a

¹ Em matéria de capa, o jornal O Globo anuncia o fechamento do IBAD/ADEP com o título “parlamentares vêm despreço ao Congresso no decreto que suspendeu o IBAD e a ADEP”. Ouvindo a declaração de diversos parlamentares, dentre eles o Deputado Padre Godinho de São Paulo e o Deputado Padre Vidigal (PSD-Minas), o jornal mostra a insatisfação destes políticos quanto ao fechamento do IBAD e que, segundo eles, essa era uma clara demonstração do quanto o comunismo atingiu a esfera governamental do país ao fechar uma instituição que lutava “contra a infiltração comunista no Brasil”: “chegamos a esse ponto: os ladrões passaram a carcereiros e os comunistas passaram a ser defensores – e que defensores! – da honorabilidade da ‘donzela democrática’” e ainda: “é a prova de que os comunistas estão mandando e desmandando neste Governo. O único crime que o povo brasileiro sabe que o IBAD cometeu foi o de lutar, com todos os recursos que podia dispor, contra a infiltração comunista no Brasil, e em particular, nos três poderes da República. Agora só resta ao Sr. João Goulart ir para a praça pública e dar vivas ao Partido Comunista e estabelecer em nossa pátria o predomínio daqueles que estão a serviço de Moscou na comunização do Brasil” (O Globo, 02/07/1963, p. 6)

construção de “bases sólidas” para justificar qualquer tipo de ato necessário para proteger a democracia e soberania do país, inclusive um golpe militar.

Quando estudamos a década de 60 pelas lentes da imprensa, é inevitável o surgimento de algumas questões quanto ao acesso do cidadão à informação e o quanto essa informação se pautou pela veracidade dos fatos. Até que ponto a informação tinha por finalidade o interesse do público? Ou, até que ponto a informação foi precisa e correta independente da linha política ou da natureza econômica das empresas? É possível que uma mídia de informação possa colaborar para que este ou aquele deixe ou tome o poder? Que crie heróis e vilões? Se essas questões são extremamente relevantes para um Brasil que passou há pouco tempo, por um processo de impeachment presidencial, escândalos de corrupção (que envolvem até merenda escolar), que está em ano de eleição, que tem acesso à informação de todos os tipos e “liberdade de expressão”, quando contextualizadas à Guerra Fria, em um período de “caça aos comunistas”, elas se tornam fundamentais para entender o quanto a “notícia” se tornou propaganda e o quanto pessoas comuns se tornaram “heróis”, para a manutenção dos privilégios de poucos.

Este projeto pretende entender o quanto a imprensa – especificamente o jornal O Globo – utilizou suas páginas para privilegiar uma determinada classe, sua oposição ao governo de João Goulart e como ocorreu sua aliança com grupos femininos anticomunistas da classe média, na década de 1960, período em que o “terror comunista” foi disseminado em todo o país.

Desde meados de 1953, quando foi nomeado por Getúlio Vargas a Ministro do Trabalho, João Goulart vinha sofrendo oposição do Exército, resultando em sua demissão após mais de oitenta oficiais assinarem o memorando dos Coronéis (DREIFUSS, 1981).

Dessa forma, após a renúncia de Jânio Quadros já em 1961, João Goulart – até então vice-presidente – recebeu forte oposição não somente das Forças Armadas, mas também de vários setores da sociedade ao tentar ocupar o lugar deixado por Quadros conforme determinava a Constituição.

Com o objetivo de desestabilizar o Governo Goulart, intelectuais e empresários da direita criaram – respectivamente – o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) e o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES).

Considerado “herdeiro do varguismo e simpatizante da esquerda”, a posse de Goulart representava para os conservadores uma ameaça à ordem estabelecida (MARTINS; LUCA, 2006, p. 93), aumentando a crença de que sua intenção era transformar o Brasil em um país comunista.

Segundo Motta,

na percepção dos setores conservadores, o Presidente Goulart não apenas descuidava do combate aos comunistas, mas os protegia e lhes dava cargos no aparato estatal. Nesta medida, o governo começou a ser visto como incapaz de enfrentar a “ameaça”. Para os mais radicais ele era até parte da trama comunista [...]” (MOTTA, 2000, p. 176).

Além disso, a Revolução Cubana colocou a América Latina no contexto da Guerra Fria, alarmando os grupos anticomunistas no Brasil, que desde a década de 1930 se mobilizavam para lutar contra o comunismo.

[...] até então a região era considerada teatro secundário pelas duas superpotências em luta, mais preocupadas com Europa, Ásia e África. Os norte-americanos mantinham-se atentos e estavam prontos a intervir se achassem necessário, mas entendiam que a América Latina corria riscos menores se comparada a outros continentes. A ascensão de Fidel e seu “barbudos” ao poder mudou tudo, colocando esta parte do planeta no centro dos conflitos (MOTTA, 2000, p. 286-287),

Diante desse contexto, diversos setores da sociedade se mobilizaram para defender a nação contra o ataque dos vermelhos, preservando assim – segundo o que pregavam – a democracia e a soberania brasileira.

Dentre esses setores estão os grupos anticomunistas femininos, que foram patrocinados pelo IPES (Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais) e IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática) e que tinham por objetivo mobilizar a população civil:

Coube as às entidades femininas esta tarefa e, para isso, as mulheres voltaram seus olhares e suas ações, buscando, de maneira paralela a essa mobilização, construir a ideia de que somente a “mulher brasileira”, mãe e dona-de-casa, poderia salvar a nação da ameaça provável. Caberia a elas, então, sair do lar, de onde já eram protetoras da família, para agora proteger a nação (SESTINI, 2008, p. 16).

Isso fica evidente quando vemos a declaração de Amélia Molina Bastos, fundadora da Campanha da Mulher pela Democracia (CAMDE) à revista Seleções, quando em um artigo especial intitulado “A nação que salvou a si mesma”, foi entrevistada representando a luta das mulheres contra o comunismo:

Ela ouviu uma noite, em meados de 1962, seu marido e alguns líderes anticomunistas discutirem desanimados a ameaça que se agigantava. “Subitamente concluí que a política se havia tornado demasiado importante para ser deixada inteiramente nas mãos dos homens”. [...] – Quem tem mais a perder com o que está acontecendo no nosso país do que nós mulheres? Quem está pagando as contas do armazém cada vez mais altas por causa da inflação? Quem está vendo, sem nada poder fazer, as nossas economias, cuidadosamente acumuladas, destinadas à educação de um filho ou filha, minguarem ao ponto de não darem sequer para comprar uma roupinha de verão para a criança? E de quem será o futuro que desaparecerá senão o

de nossos filhos e netos, se a política radical do Governo levar a nossa pátria ao domínio comunista? (SELEÇÕES, 1964, p.104)

As mulheres desse movimento, fundado no Rio de Janeiro em 1962 e que se auto definia apartidário e comprometido com a defesa da democracia, se apresentavam publicamente como *mães, esposas e donas de casa*, fazendo discursos que enfatizavam a defesa dos ideais cristãos e democráticos do Brasil. Criada tanto para o esclarecimento feminino, quanto para mover a opinião pública (daí a importância de seu trabalho junto ao jornal O Globo), tinha como objetivo mobilizar a população para pressionar o governo. Através das Marchas da Família com Deus pela Liberdade, vemos um papel central da CAMDE de apoio à intervenção militar.

Outra característica marcante do movimento foi a filantropia. Em seu artigo *Femininas e Formidáveis: o público e o privado na militância política da Campanha da Mulher pela Democracia (CAMDE)*, Janaína Martins Cordeiro explica que essas ações filantrópicas serviram como fachada para encobrir ações políticas do grupo, entendendo que “as ações filantrópicas faziam parte de um projeto político de consolidação do movimento de 1964” (CORDEIRO, 2009, p.5).

Para entender o sentido da militância dessas mulheres é importante observar as características de seu cotidiano. As lideranças da CAMDE

[...] pertenciam em geral às elites cariocas, frequentavam a Igreja Católica, [...] eram em sua maioria donas de casa. Ainda quando exerciam atividades remuneradas, estas eram consideradas tipicamente femininas, como, por exemplo, professoras primárias. Este era o caso da própria presidente da associação, Amélia Molina Bastos. (CORDEIRO, 2009, p.6)

Sendo assim, essas mulheres utilizavam justamente seu papel na esfera privada como justificativa para lutar contra o comunismo, pois segundo elas, lutavam pela defesa de seus lares do perigo vermelho.

O GLOBO

Apesar de seu princípio editorial ressaltar a importância do jornal ser “independente, apartidário, laico”, que busque “a isenção, a correção e a agilidade, como estabelecido aqui de forma minuciosa” e portanto não sendo “nem a favor nem contra governos, igrejas, clubes, grupos econômicos, partidos”, quando analisamos as páginas que compõem as edições da década de 1960, vemos claramente um posicionamento do jornal em direção ao movimentos de Direita que estavam ocorrendo no país e seu apoio ao Golpe de 1964, ao qual em suas matérias, recebia o nome de Revolução (posicionamento este assumido pelo próprio jornal ao fazer sua

retratação posteriormente) e religioso (católico), sempre dando destaque à opinião da igreja quanto ao governo Goulart e seus grupos favoráveis.

Logo após a renúncia de Jânio Quadros ser anunciada, o O Globo faz uma página extra, no suplemento O País, dedicado somente à tratar sobre a renúncia do presidente. Contando os acontecimentos do dia até o momento da renúncia, o jornal destaca a opinião do governador Carlos Lacerda e do Marechal Lott. Porém, é interessante observar que a renúncia é tratada com um certo temor pelo que pode acontecer com o governo do Brasil. As palavras “Constituição”, “democracia”, “paz” e “tranquilidade” aparecem diversas vezes, como por exemplo na entrevista com Carlos Lacerda:

A decisão do Presidente desola a todos. Mas nos mantemos todos no propósito de sustentar a ordem e a liberdade, preservando o regime democrático. Ninguém tem a intenção de privar o Brasil de um presidente bem intencionado e patriota. Mas acima de tudo o povo brasileiro deseja viver em paz, de acordo com o regime que escolheu e com a liberdade que adotou para poder trabalhar com confiança nos dias de amanhã. A Guanabara está em paz. Recebo comunicação de que a Bahia, Pernambuco e outros Estados também estão em paz, enquanto em São Paulo os Governadores Magalhães Pinto, Nei Braga secundam esforços junto ao Governador Carvalho Pinto para, numa união patriótica evitar soluções catastróficas, que só interessam aos inimigos da democracia. Conto com o instinto de liberdade do povo carioca e sua fidelidade à democracia, cujos interesses estão acima de todos nós. (O Globo, 25/08/1961, p.1)

A fala do governador Carlos Lacerda nesta entrevista parece soar mais como um aviso do que como uma simples declaração. Por que o novo presidente – neste caso, o até então vice João Goulart, conforme artigo 79 da Constituição – não iria estar/ser “bem intencionado e patriota”? Além disso, por que os estados não estariam em paz?

Ainda na mesma página, a sessão “opinião” do jornal com o título “Tranquilidade!”, traz a seguinte declaração:

O Brasil está passando por uma terrível prova. Não interessa, neste momento, investigar os motivos ou as razões que levaram o Sr. Jânio Quadros a deixar as altas funções que o povo lhe entregara. Fundamental é que a nação, nesta hora de *provação e dúvida*, apareça unida aos olhos do mundo e unida enfrente a vicissitude. Confiemos na atuação serena dos que são chamados hoje a dirigir os destinos da Pátria e aguardemos em paz a normalização da vida republicana, normalização que já se está processando, sob o império da Constituição Federal e ao impulso das aspirações, que são gerais, de devolver ao País a indispensável tranquilidade, que é o que a população ambiciona. A única palavra que cabe neste instante é esta: Tranquilidade! O Brasil, *sob a proteção de Deus haverá de superar esta fase angustiante* e retomar o caminho de seu esplêndido destino. (O Globo, 25/08/1961, p.1, grifo meu)

Mais uma vez a fala, agora do próprio jornal, transparece um sentimento de apreensão e medo pelo futuro do país, uma “fase angustiante”.

No dia seguinte, 26 de agosto de 1961, ainda na seção “Opinião” com o título “A renúncia”, o O Globo deixa claro seu posicionamento político e em quem confia para manter a unidade democrática do país:

[...] Tudo quanto agitava o ambiente nacional, nesse momento, era e é a discussão acêrca da conveniência ou inconveniência de alguns atos da nossa política externa, pelos quais o Govêrno parecia descaracterizar os nossos antecedentes, em face do conflito ideológico entre as democracias ocidentais e o comunismo internacional, *quando sempre fomos, somos e queremos ser vinculados à comunidade interamericana* e à resistência ao avassalamento do materialismo dialético [...]. *Nossa confiança nas Classes Armadas é de todo o povo*, certos de que elas saberão corresponder aos ideais da Pátria, à sua sêde de ordem, de justiça, de progresso e liberdade. (O Globo, 26/08/1961, p.1, grifo meu)

Segundo Bucci (2008, p. 18), “[...] falar em jornalismo é falar em vigilância do poder e, ao mesmo tempo, em prestação de informações relevantes para o público, segundo os direitos e necessidades do público (não do governo)”. No entanto, quando um jornal se posiciona de forma pessoal, onde suas convicções passam a ser a representação das convicções de uma determinada classe – ou de uma nação – é preciso se questionar até que ponto as informações por ele prestadas são relevantes para o público e mais: qual ideia que se está tentando construir com este discurso.

Diante disso, não é de se surpreender o apoio e destaque que o jornal O Globo paulatinamente, passa a dar ao grupo feminino, anticomunista e religioso “CAMDE” e à própria pessoa de Amélia Molina Bastos (presidente e fundadora deste grupo)²:

A Campanha da Mulher pela Democracia, presidida por Amélia Molina Bastos, irmã do General Antônio de Mendonça Molina, devia sua significância a seus muito ativos programas promocionais [...], a sua harmonia com importantes elites políticas e militares e com a imprensa nacional, principalmente *O Globo* [...]. Sintomaticamente, a primeira reunião da CAMDE realizou-se no auditório de *O Globo*, no Rio, cuja rede de jornal e rádio assegurava a manutenção da CAMDE em evidência daí para adiante (DREIFUSS, 1981, p. 296).

Na primeira seção de 12 de julho de 1962, o jornal destaca em primeira página uma reunião de mulher ocorrida em seu próprio auditório, com o título: “a mulher brasileira está nas

² Segundo Dreifuss, “a ideia de se criar a CAMDE pouco antes das eleições de 1962 partiu declaradamente de três indivíduos: Leovigildo Balestieri, vigário franciscano do bairro de Ipanema, Glycon de Paiva e do General Golbery do Couto e Silva” (DREIFUSS, 1981, p. 296).

trincheiras”. A matéria continua na página dois, com a transcrição do discurso de Armando Falcão, convidado para a reunião e depois segue com a leitura do manifesto das mulheres cariocas, agradecendo ao Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara pelo “estímulo que é dado aos que lutam pela justa causa” e exaltando a figura de Carlos Lacerda por ter protegido a cidade do domínio anarquista (O Globo, 12/07/1962, p.2).

Neste momento é possível ver o destaque e a valorização que o jornal dá à mulher de classe média e católica, como representante da mulher brasileira como um todo:

“A mulher brasileira vive, atualmente, momentos de expectativa e ansiedade. Sente que uma minoria atuante e organizada ameaça o regime democrático. É preciso pois que cada um de nós trabalhe no sentido de alertar conhecidos, amigos e até parentes sobre as táticas demagógicas dos assalariados de Moscou. A mulher paulista já se pronunciou, num verdadeiro brado de alerta, e nós temos a honra de tornar pública a nossa adesão à sua causa, que é também a nossa e a de toda mãe brasileira [...]” (O Globo, 12/07/1962, p. 2).

No final desta matéria, há uma pequena parte intitulada “Aplausos”, onde o jornal enfatiza a comoção pública quando citados os nomes de Carlos Lacerda e do Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, um anúncio sobre um grupo de doutrinação comunista e até mesmo um local onde seria possível receber a indicação de bons candidatos para as próximas eleições:

Aplausos

Toda vez que era mencionado o nome do Governador Carlos Lacerda, a plateia o aplaudia demoradamente, o mesmo acontecendo quando alguém se referia ao Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara.

Na Igreja N. S.^a da Paz – informou-se na reunião –, está funcionando um curso de doutrinação para combate à infiltração comunista. Os professores são profundos conhecedores das técnicas empregadas.

A Associação Eleitoral, Pela Família, ALEF, funcionando na rua São José, 90, 21º andar, foi apontada como órgão responsável e capaz de indicar bons candidatos para as próximas eleições (O Globo, 12/07/1962, p.2).

Longe de ser “independente, apartidário, laico” e “nem a favor nem contra governos, igrejas, clubes, grupos econômicos, partidos”³, o jornal deixou bem clara sua posição política/ideológica e contra quem ou o que lutaria e rechaçaria, através de suas páginas.

Ao buscar as notícias especificamente relacionadas à CAMDE, vemos que ela começa sutil, uma pequena nota, na edição do dia 29 de outubro de 1962, matutina, geral, porém dentro de uma matéria maior: “Os ex-combatentes contra as bases soviéticas em Cuba”, dizendo que os “ex-combatentes brasileiros, unidos aos veteranos de guerra de todo o mundo, enviaram ao

³ O GLOBO: princípios editoriais. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/principios-editoriais/>>.

Presidente da República um apelo para que o Brasil vote, na ONU favoravelmente [...] o desmonte de bases soviéticas de foguetes em território cubano”. Segue ainda na matéria um apelo de catorze entidades (dentre elas, muitas femininas), porém destaca-se o telegrama enviado à Amélia Molina Bastos. Com o título “Solidariedade à mulher carioca”, o jornal destaca Amélia representante da mulher carioca na luta contra o comunismo:

“Os Srs. Vicente Melillo Filho e Francisco Fleuri Assunção, mandaram este telegrama à Sra. Amélia Molina Bastos:

A Confederação das Famílias Cristãs, mantenedora da Aliança Eleitoral pela Família, em nome de centenas de milhares de eleitores brasileiros, aplaude a atitude corajosa da mulher carioca em defesa da democracia e liberdade de nossa pátria, ameaçados pela ideologia materialista anticristã. (O Globo, 29/10/1962, p.3)

Em 1963, no dia 26 de novembro, há, no centro da página 31, uma interessante carta enviada pela CAMDE ao Globo e publicada por este. Com o título “A CAMDE agradece a ajuda de O Globo à campanha em favor do Paraná”, fica evidente o apoio que ocorre entre eles:

A Campanha da Mulher pela Democracia enviou ao nosso companheiro Rogério Marinho, diretor-substituto de O GLOBO, a seguinte carta, assinada por sua presidente, Sra. Amélia Molina Bastos:

“Em meu nome e no da diretoria da Campanha da Mulher pela Democracia, CAMDE, venho expressar os nossos melhores e mais sinceros *agradecimentos pela notável cobertura feita por esse brilhante jornal que é O GLOBO*, por ocasião do movimento em prol dos nossos irmãos [...] do Paraná.

“Por motivos independentes da nossa vontade, somente agora pudemos endereçar a presente, pelo que pedimos desculpas, *certas de podermos contar sempre com o apoio de V. S^a e dos colaboradores de O GLOBO*”. (Grifo meu)

Após o Golpe, fica constante a presença de notícias sobre o CAMDE no jornal, ocupando diversas vezes a primeira página, tanto na edição matutina quanto na vespertina, sempre com bastante destaque: “Fundado em sessão solene o núcleo da CAMDE na Tijuca” (12/05/64, p.6), “Todas as crianças nascidas no “dia das mães” receberam enxovais ofertados pela CAMDE” (13/05/64, p.5), entre outras. Além disso, a imagem de Amélia Molina Bastos, é usada cada vez mais para propagandear a causa e a “luta pela democracia”. Apresentada como um exemplo de mulher, que luta pelo bem do país, da família e pela moral cristã, em ato extremamente simbólico no auditório do jornal, é eleita “mãe do ano” em 1964 pelo O Globo. Título este, aliás, que será usado largamente nas notícias em que ela aparecerá. No dia 15 de maio de 1964, sai a notícia sobre o prêmio, na primeira página: “D. Amélia recebe o título de “Mãe do Ano”; e a segunda página dessa edição é dedicada totalmente a ela. Com diversas imagens, é contada de forma detalhada como foi a cerimônia de premiação: “A entrega do diploma de “Mãe do Ano” a D. Amélia foi feita pela Sra. Antonieta Castelo Branco Diniz. E a Sra. Francisca Marinho presenteou-a em nome de O Globo, com um colar de ouro [...]”. Em

um momento de homenagens mútuas, a CAMDE também, nesta mesma cerimônia, homenageia o “jornal e a viúva Irineu Marinho [...] tendo a cerimônia sido encerrada, após a palavra dos oradores inscritos, com a “Marcha da Vitória” e o Hino Nacional [...]”. Representando O Globo, o ato foi iniciado com um discurso de Rogério Marinho, exaltando o papel de Amélia como um exemplo da luta da mulher brasileira contra o comunismo:

Poucas vezes nos temos reunido neste auditório com objetivos tão nobres, em circunstâncias tão auspiciosas. Aqui estamos para homenagear aquela que O GLOBO escolheu símbolo da mãe brasileira, em 1964. Entretanto, muito próximo estivemos de mergulhar nas trevas, onde uma reunião como esta não seria possível, ou se realizaria sob a tutela de um Estado totalitário, talvez para saudar a “*mãe comunista do ano*”. *Não seria então a consagração da virtude, do amor aos filhos, à família e à Pátria; mas da despersonalização, da submissão humilhante ao Partido.* Tão tenebrosas ameaças estão afastadas. E a quem devemos delas nos termos livrado? Seria injustiça e ingratitude não citarmos, destacadamente, as Forças Armadas, com sua esplêndida, fulminante e desinteressada atuação. [...] Mas injustiça e ingratitude não menos gritante seria esquecermo-nos do maravilhoso desempenho da mulher brasileira nessa cruzada regeneradora. (O Globo, 15/05/1964, p.2, grifo meu)

Neste trecho verifica-se uma contraposição entre a mulher comunista com a dita “democrática”. Neste sentido, a mulher comunista é o oposto da “virtude, do amor aos filhos, da família e da Pátria”, alegando que esta submete-se humilhantemente ao Partido.

Ainda nesta cerimônia, Cordélia de Sá Lessa, representando a CAMDE, pronunciou:

Nesta família e neste jornal a CAMDE encontrou sempre a maior solidariedade e apoio, pelos quais será eternamente grata [...], no princípio de nossa luta, só contávamos com O GLOBO. Foi aqui neste auditório que realizamos a nossa primeira grande reunião. Foi daqui que lançamos nosso grito de alerta às mulheres do Brasil, contra o inimigo comunista. (O Globo, 15/05/1964, p.2)

Outra questão importante a ser levantada é que, apesar da CAMDE se autodeclarar apartidária, nota-se que é comum a presença de autoridades políticas em suas sessões ou elogios destas em relação ao movimento – sempre, é claro, noticiado com destaque pelo O Globo:

Com a presença de Dona Amélia Molina Bastos [...], dos Marechais Odílio Denys e Freitas Rolim, dos Brigadeiros Grun Moss e Orivaldo Benitez, e do deputado Gama Lima, foi solenemente fundado [...] o núcleo da CAMDE na Tijuca (O Globo, 12/05/64, p.6)

O deputado Armando Falcão, falando sobre a escolha de D. Amélia Molina Bastos, presidente da Campanha da Mulher pela Democracia, para Mãe do Ano de 1964, afirmou: “A revolução brasileira foi feita pela mulher. O esforço da CAMDE no trabalho de captar a opinião pública foi decisivo”. [...] O Governador Interino da Guanabara Desembargador Vicente de Faria Coelho disse que a escolha da Sra. Amélia Molina Bastos para “Mãe do Ano” de 64, pelo O GLOBO foi das mais acertadas, “pois se trata de uma senhora que além de seus predicados de mãe prestou um grande serviço a toda família brasileira [...]”. (O Globo, 08/05/1964, p.6)

Entre elogios e solenidades, uma coisa não passa despercebida ao olharmos os registros dessas páginas de jornais: o “relacionamento” entre Amélia Molina Bastos e O Globo foi uma via de mão dupla – ganha-se a notoriedade, cria-se a heroína.

Objetivos

Esse projeto pretende entender como ocorreu a construção de um “terror comunista” no Brasil e a necessidade de defender, a qualquer preço, nosso país de um governo comunista, através das notícias veiculadas no jornal carioca – e com claro posicionamento à favor da direita e da classe empresarial – O Globo, além dos artigos de Opinião e as fontes consultadas para as entrevistas no periódico.

A pesquisa também se propõe a estudar a relação deste jornal com a entidade feminina e anticomunista CAMDE, o apoio mútuo entre as duas organizações e a significação que esse relacionamento teve para o apoio ao militares no Golpe de 1964 e a manutenção destes no governo, utilizando a imagem “ideal” de mulher brasileira representada na figura de Amélia Molina Bastos.

Justificativa

Durante a década de 1960, o Brasil vivenciou uma conturbação política que, em plena Guerra Fria, culminou no golpe de 1964. Muito se tem estudado sobre os grupos de esquerda, os movimentos anarquistas e de rebelião do período, mas poucos se aventuram em pesquisar “o outro lado da moeda”, os grupos anticomunistas. É bem escassa a quantidade de material que temos sobre o assunto e, quando o encontramos, tendem a ter um papel secundário na abordagem do pesquisador (MOTTA, 2000). No entanto, seja através da manipulação ou da crença genuína no perigo comunista que ameaçava a liberdade e a soberania brasileira, fato é a importância que a imprensa e diversos grupos anticomunistas tiveram para os acontecimentos que resultaram no golpe militar.

Dentre essas organizações anticomunistas, surgiram por todo o país, diversos movimentos femininos cujo principal objetivo era lutar contra o comunismo e preservar a família. Sempre defendendo a Pátria e a moral, essas organizações possuíam um estreito elo com a Igreja e o Estado, recebendo destaque por parte deste projeto de pesquisa, a Campanha

da Mulher pela Democracia – CAMDE. Além da sua grande influência entre as mulheres (principalmente da classe média), esta organização obteve grande apoio do jornal O Globo.

Para Martins e Luca (2006, p. 11), “jornais, revistas, rádios e televisões [...] negociam um produto muito especial, capaz de formar opiniões, (des)estimular comportamentos, atitudes e ações políticas”; Em uma atmosfera de terror comunista onde os vermelhos “batiam à porta”, estas duas instituições se tornaram instrumentos importantíssimos para formação de opinião e apoio à oposição do governo Goulart. Por isso, é importante entender o papel que a imprensa, neste caso o jornal O Globo, teve dentro desta conjuntura histórica que culminou no Golpe de 64.

Dessa forma, não podemos olhar a imprensa como uma fonte objetiva, apenas como uma reprodutora de fatos. Ela foi um agente ativo, que escolheu qual notícia sairia em suas páginas e como ela seria repassada para o público, servindo a um propósito de um grupo específico e aos seus próprios interesses, “ [...] com enorme poder econômico e político, decisivos para o atrofiamento do espaço público e democrático na contemporaneidade” (CRUZ; PEIXOTO, 2077, p. 259).

Esta pesquisa contribui para um avanço no debate quanto a importância do poder da imprensa como formadora de opinião e o quanto ela pode influenciar a tomada ou retirada de um governante do poder.

O posicionamento do jornal O Globo, claramente religioso e direitista, quanto as matérias veiculadas nele e a forma de se noticia-las entre os anos de 1961 e 1964, sendo categoricamente contra o governo de João Goulart, e sua ação juntamente à CAMDE, fomentou uma mobilização da população, defendendo interesses que não eram da grande maioria dos brasileiros, mas que foram propagandeados como se fossem, garantindo o apoio de diversas camadas da sociedade civil. De fato, a imprensa tem o poder de “transformar” um interesse que é totalmente exclusivista em um interesse da população como um todo e esta pesquisa vem contribuir para entender de que forma isso ocorreu com O Globo e, até que ponto (se é que existe um limite), a imprensa foi utilizada pelas grandes empresas nacionais e estrangeiras como uma ferramenta de propaganda de seus ideais e manutenção de seus privilégios (e os dela própria) utilizando seu expediente para manter sua posição privilegiada na sociedade.

Outra contribuição relevante desta pesquisa é o papel que a mulher da classe média, católica e dona de casa teve neste processo de movimentação anticomunista da década de 1960, e como a imagem da “mulher ideal” foi criada e explorada no O Globo através da figura de Amélia Molina Bastos (fundadora e presidente da CAMDE). A maior parte dos estudos dedicados às mulheres deste período, se preocupam com as mulheres militantes da esquerda,

que lutaram para defender nosso país, antes e depois do Golpe. De forma nenhuma este trabalho pretende reduzir a importância da luta dessas mulheres em nossa história e da pesquisa dedicada a estudá-las; antes pretende mostrar a “outra ponta”, pois o grupo de mulheres religiosas pertencentes à classe média foi fundamental para que a ideologia anticomunista chegasse de forma mais eficaz aos lares brasileiros, já que estas tiveram o apoio de duas instituições com alto poder de influenciar decisões e opiniões: a imprensa e a Igreja.

Fontes

Este projeto pretende analisar como fontes primárias editoriais, manchetes e matérias veiculadas no jornal O Globo entre agosto de 1961 até maio de 1964. O recorte cronológico escolhido começa a partir da renúncia de Jânio Quadros e vai até o primeiro dia das mães após o Golpe, data importante para esta pesquisa devido ao destaque e a premiação que o jornal O Globo deu à fundadora e presidente da CAMDE, Amélia Molina Bastos.

Para efetuar a coleta das fontes, será utilizado o próprio mecanismo de busca do acervo online do jornal, através das seguintes palavras-chaves: “renúncia”, “João Goulart”, “comunismo”, “CAMDE” e “Amélia Molina Bastos”.

Nota-se o crescente destaque que o jornal deu a Goulart após a renúncia de Jânio Quadros. Das 9.934 páginas encontradas utilizando o termo “João Goulart”, a maior parte delas concentram-se no ano de 1963 (2.654 páginas), momento em que foi mais intensa a campanha do jornal contra seu governo. No ano de 1964, encontramos mais referências ao presidente justamente no mês que foi articulado o Golpe: 217 de 1.558 páginas somente em março.

Da mesma forma, a palavra “comunismo” é utilizada exponencialmente, aumentando a ocorrência em 555 páginas no ano de 1960 para 812 páginas em 1961 (ano em que ocorreu a renúncia de Jânio Quadros). O uso do termo atinge seu ápice no ano de 1964, com um saldo de 986 páginas, sendo que no dia 30 de março, às vésperas do Golpe, ela aparece em 12 páginas, tanto na matutina, quanto na vespertina.

Os termos “CAMDE” e “Amélia Molina Bastos” (fundadora da entidade), aparecem quase sempre na mesma página, contudo é mais frequente o destaque à CAMDE do que à Amélia. Apesar de aparecerem constantemente no jornal, principalmente a partir de 1963, o grande destaque, tanto à CAMDE quanto à Amélia, se concentrará nos anos 1964 e 1965, pós Golpe. No ano de 1964, o O Globo dedicou 239 páginas à CAMDE, sendo, no mês de maio, 44 páginas para a entidade e 8 páginas para Amélia Molina Bastos. Na semana que antecedeu o dia das mães e na semana seguinte, o O Globo dedicou páginas inteiras destacando o trabalho

de Amélia Molina Bastos juntamente à CAMDE e descreveu com riquezas de detalhes a cerimônia de premiação que o próprio jornal preparou para ela, a intitulando como a “Mãe do Ano”. Um ato de vital importância considerando o fato de que estava ocorrendo o processo de consolidação do Golpe e Amélia foi uma das grandes apoiadoras e militantes da Direita brasileira no período.

Além do jornal, serão utilizados como fontes a edição especial da revista SELEÇÕES com o título “A nação que salvou a si mesma” de novembro de 1964 e o LIVRO DE CABECEIRA DA MULHER (Ano I, Volume 5) de 1967, ambos contendo uma entrevista com Amélia Molina Bastos.

A revista Seleções do Reader’s Digest, de novembro de 1964, em um artigo especial (publicado em caderno separado), intitulado “A nação que salvou a si mesma”, faz uma narrativa sobre a derrubada de Jango, exaltando a ação do povo brasileiro que “defendeu resolutamente a sua liberdade” (p. 93) e que culminou no que denominou a revista de um ato “altamente civilizado” dos oficiais do Exército “que agiu com tanta lealdade e precisão para pôr côbro à ameaça vermelha” (p. 113). Além de exaltar jornais como o Estado de S. Paulo e O Globo por “entrarem na luta”, este artigo dedica uma parte às mulheres de direita com o título “Femininas e Formidáveis”, evidenciando o trabalho da CAMDE e uma entrevista com Amélia Molina Bastos, onde ela conta como foi fundada a entidade e o seu ponto de vista sobre os acontecimentos do país.

O Livro de Cabeceira da Mulher foi um periódico voltado para o público feminino, onde trazia contos, reportagens, crônicas e outros assuntos, escritos tanto por autores brasileiros quanto estrangeiros. No ano de 1967, na edição volume V (ano I), há uma entrevista concedida à Stella M. Senra Pollanah, de Amélia Molina Bastos. Trazendo a imagem de uma mulher dedicada à religião católica, a revista exalta a todo momento a agilidade de Amélia, dando a impressão de ser uma mulher que trabalha muito e extremamente ocupada: “D. Amélia fala assentada na ponta do sofá, como quem estivesse pronta para se levantar e sair. A tôda hora uma empregada de uniforme azul nos interrompe com recados e chamados telefônicos” (p. 161). Ainda em tom religioso, utiliza versículos bíblicos, dando a entender que o trabalho de Amélia Molina, fazia parte de uma missão: “...Ide eis que vos envio como ovelhas no meio de lobos... (S. Mateus, 10~16-22)” (p. 160).

Posteriormente, pretende-se ainda consultar os panfletos e materiais impressos pela CAMDE entre os anos de 1962 e 1964, localizados atualmente no Arquivo Nacional (RJ).

Quando lemos as notícias do jornal O Globo, entre fim de março e começo de abril de 1964, é impossível não notar o destaque que o jornal dava para todas as manifestações de Direita contra o governo João Goulart.

Destaca-se por exemplo, a primeira página da edição do dia 31 de março de 1964, que apresentava as seguintes manchetes: “Reage o Congresso à comunização do Brasil”, “Criou-se um soviete na Marinha de guerra”, “A ‘Marcha da Família’ já conta com o apoio de 28 organizações”, “A influência comunista no Brasil preocupa Washington”, entre outras. Tratando, principalmente, da Revolta dos Marinheiros, ocorrida no dia 25 do mesmo mês, o jornal destaca de forma contundente a mobilização das Forças Armadas para a preservação da “hierarquia, autoridade e disciplina”, palavras repetidas diversas vezes em várias matérias dessa edição. Segundo o jornal,

Em meio a luta que vem travando, na defesa da sobrevivência de suas corporações - ameaçadas pelos golpes assestados contra a hierarquia, a autoridade e a disciplina -, os oficiais brasileiros devem sentir-se, ao menos, confortados pela *solidariedade de todos os setores da vida nacional, com exceção daqueles vinculados ao Partido Comunista e ao processo de destruição do regime.* (O Globo, 31/03/1964, p.1, grifo meu),

trazendo a ideia de bipolarização da sociedade onde, exceto aqueles vinculados ao Partido Comunista, todo o restante da nação apoiava os oficiais brasileiros.

E ainda:

[...] agora se decidirá se conseguiremos superar a terrível crise provocada pela inflação, pelos desajustes sociais, pelo descalabro econômico-financeiro, sem a perda de nossas Instituições livres, ou se, contrário, uma ditadura esquerdista se apossará do País, graças, principalmente, ao enfraquecimento e progressivo desaparecimento das Forças Armadas.

A Nação democrática, que sempre viu nas Forças Armadas a segurança de que não seriam vitoriosos no Brasil elementos subversivos [...] recusa-se a admitir a segunda hipótese, e se manifesta em apoio da Marinha de Guerra, vítima, no momento, do mais grave erro cometido pelo Governo. (O Globo, 31/03/1964, p.1)

Ainda nessa mesma edição, O Globo disponibiliza, na íntegra, o discurso feito por João Goulart, durante as homenagens feitas à ele pela Associação dos Sargentos e Subtenentes da Polícia Militar. Colocando a notícia na primeira página com o título “Goulart ao Sargentos: continuemos a defender, até com a própria vida, as nossas instituições cristãs”, o discurso completo é transcrito na sexta página do jornal, porém sua continuação se dá na décima quarta página, onde conclui-se com uma nota sobre a manifestação da EsAO (Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais), que ocorrerá nesse mesmo dia, onde haverá a “exaltação à

disciplina e aos princípios hierárquicos das Forças Armadas” e onde os alunos irão solicitar ao General Canavarro “que se faça intérprete dos sentimentos expressados naquele ato, junto aos demais comandos das Forças Armadas”. A página segue editada com notícias como “Frente democrática contra o comunismo”, “As classes produtoras apoiam manifesto de Magalhães Pinto”, “Estudante diz que a AMES juntou-se à UNE para a Bolchevização do Brasil” e, também, “Unida as classes produtoras paulistas”, onde, em discurso de posse da nova diretoria da Associação Comercial de São Paulo, o presidente reeleito Paulo de Almeida Barbosa, diz que “não serão ideólogos desvairados que conseguirão deter o Brasil. O respeito à Lei e à Constituição é a palavra de ordem dos patriotas”.

Ao consultar o acervo digital do jornal O Globo, nota-se que as edições pulam do dia 31 de março de 1964 para o dia 2 de abril do mesmo ano, não havendo, portanto, a edição do dia 1º de abril. Para esse dia, O Globo, escreve a seguinte nota:

Na noite de 31 de março de 1964, O GLOBO, foi invadido por fuzileiros navais comandados pelo almirante Cândido Aragão, do “dispositivo militar” de Jango, como se dizia na época. O jornal não pôde circular no dia 1º de abril. Sairia no dia seguinte, 2 de abril, quinta-feira, com o editorial que fora impedido de ser impresso pelo almirante, “A decisão da Pátria”. Na primeira página, um novo editorial: “Ressurge a Democracia”. Também na primeira página desse dia, publicou-se um texto (“A violência contra O GLOBO”) explicando os motivos pelos quais o jornal deixara de circular na véspera. (O Globo, 1/041964)

Em grande destaque e no centro da primeira página do dia 2 de abril de 1964, está a notícia: “Fugiu Goulart e a democracia está sendo restabelecida” / “Empossado Mazzilli na presidência”. E, como citado na nota acima, o texto “Ressurge a democracia!”, trazendo a ideia de que, apesar de no período anterior estar no poder um presidente eleito democraticamente e empossado de acordo com a Constituição, não havia democracia. Exaltando o “heroísmo das Forças Armadas”, esse texto diz que agora o país poderá caminhar em direção ao seu “grande destino”, pois o Estado não poderá ser mais usado em favor da “desordem, da indisciplina e de tudo aquilo que nos estava a levar à anarquia e ao comunismo”. Agora, segundo o texto, “todos os nossos problemas terão soluções” e aos brasileiros, cabe a tarefa de agradecer as Forças Armadas por ter livrado o país do perigo do comunismo. Na página 6 dessa edição, além da continuação da matéria sobre Mazzilli e o destino desconhecido de Goulart, encontra-se um outro texto intitulado: “A solução rápida da crise deveu-se à ação decisiva dos generais”, onde, escrevendo sobre a “atuação decisiva de vários generais”, coloca-se as Forças Armadas como protetores da democracia brasileira. O herói foi criado.

Listagem do acervo consultado no jornal O Globo:

25 de agosto de 1961, Matutina, O País, p.1
 26 de agosto de 1961, Matutina, Geral, p.1
 12 de julho de 1962, Matutina, Geral, p.1-2
 29 de outubro de 1962, Matutina, Geral, p.3
 02 de setembro de 1963, Matutina, Geral, p.6
 18 de novembro de 1963, Matutina, Geral p.31
 26 de novembro de 1963, Matutina, Geral, p.2
 31 de março de 1964, Matutina, Geral, p.1, 6, 14
 01 de abril de 1964 – nota
 02 de abril de 1964, Matutina, Geral, p.1
 06 de maio de 1964, Matutina, Geral, p.1
 08 de maio de 1964, Matutina, Geral p.6
 11 de maio de 1964, Vespertina, Geral, p.1
 12 de maio de 1964, Matutina, Geral, p.6
 13 de maio 1964, Matutina, Geral, p.5
 15 de maio de 1964, Matutina, Geral, p.1, 2

Referencial teórico metodológico

Para entender melhor a ação dos empresários, das Forças Armadas e da Direita período em questão, será utilizada a obra de René Armand Dreifuss *1964: a conquista do Estado*, onde o autor explora de forma bastante detalhada a formação e estruturação da elite orgânica.

A obra de Rodrigo Patto de Sá Motta *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*, será de suma importância para esta pesquisa, já que o autor traça a trajetória dos grupos anticomunistas no período aqui estudado.

No que diz respeito as entidades femininas e em especial a CAMDE, destaca-se o trabalho de Aline Presot *As marchas da Família com Deus pela Liberdade e o Golpe de 1964*, onde a autora faz um levantamento das Marchas e seu caráter social, a dissertação de Dharana Pérola Ricardo Sestini *A “mulher brasileira” em ação: motivações e imperativos para o golpe militar de 1964*, onde irá contribuir para esta pesquisa a investigação que a autora faz sobre as raízes da ideia de “mulher brasileira” e principalmente, o artigo de Janaina Martins Cordeiro *Femininas e formidáveis: o público e o privado na militância política da Campanha da Mulher pela Democracia (CAMDE)*, onde irá trabalhar a militância política da CAMDE.

Para entender a imprensa como fonte, será importante para esta pesquisa a obra de Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca *Imprensa e Cidade*, que trabalha a trajetória dos periódicos brasileiros, o artigo de Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto *Na Oficina do Historiador: conversa sobre História e imprensa*, onde problematizam o uso da imprensa por historiadores como fonte de pesquisa e trazem uma discussão de “procedimentos teórico-metodológicos para o tratamento” e a obra de Eugênio Bucci *Sobre Ética e Imprensa*, que propõe uma reflexão sobre a qualidade do jornalismo e seus padrões éticos.

Para Cruz e Peixoto, “não é possível lidar com qualquer fragmento de um veículo de imprensa [...] sem o reinserir no projeto editorial no interior do qual se articula, ou seja, sem remetê-lo ao jornal ou à revista que o publicou numa determinada conjuntura” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 262). Por isso, é importante entender tanto a história do periódico quanto seus princípios editoriais.

Fundado por Irineu Marinho⁴ no fim do governo de Artur Bernardes, o jornal O Globo, no início, se dedicou a publicar notícias que denunciassem as mazelas sofridas pela população, como falta de energia, má conservação de ruas e avenidas, o encarecimento do custo de vida, entre outros (bem próximo do que ocorre hoje com os telejornais da Rede Globo, como por exemplo, Bom Dia São Paulo). Segundo os seus princípios editoriais, o Grupo Globo é “independente de governos” e “independente de grupos econômicos”, entretanto, em 1929 o jornal O Globo passou a apoiar a candidatura de Vargas para a sucessão de Washington Luís, da mesma forma que em 1937 apoio a candidatura de Armando Sales de Oliveira. Longe de ser “apartidário”, o periódico sempre deixou claro de que lado estava.

A partir de 1945, com o término da Segunda Guerra Mundial e o início do período que ficou conhecido como Guerra Fria, o mundo se volta para a disputa econômica e ideológica das duas grandes potências mundiais: Estados Unidos e União Soviética.

O Brasil, que sempre se posicionou como um aliado dos Estados Unidos, terá a imprensa como uma importante ferramenta para a divulgação da ideologia capitalista norte-americana.

Para Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca, o controle do Brasil

foi intensificado pela potência líder do ocidente, temerosa de um enclave comunista num país de alto interesse estratégico [...]. A imprensa, como instrumento ideal dessa captação, foi a instância mais cortejada (MARTINS; LUCA, 2006, p. 74).

⁴ Irineu Marinho morreu vinte e um dias após a fundação do jornal O Globo. Sua esposa, Francisca Marinho, tornou-se proprietária do jornal e entregou sua direção ao secretário do jornal, Euricles de Matos. [...] em 5 de maio de 1931, morreu o segundo diretor de O Globo. Três dias depois Roberto Marinho, filho mais velho de Irineu Marinho, passou a dirigir o jornal, sendo mais tarde assessorado por seus irmãos Rogério e Ricardo Marinho (LEAL, Carlos Eduardo; MONTALVÃO, Sérgio. *Verbete O Globo*. In: *Dicionário Histórico Temático*. Rio de Janeiro: Editora Getúlio Vargas/CPDOC. Versão Multimídia).

É importante ter em vista que o jornal há muito deixou de ser um simples reprodutor de notícias, isento e objetivo. Antes pode ser utilizado como uma ferramenta de manipulação, já que se trata de um objeto capaz de formar ou mover a opinião pública. De acordo com Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado (1974, *apud* LUCA 2008, p. 118),

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se pois aqui aquela perspectiva que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político social na qual se insere.

Nessa perspectiva, esta pesquisa se propõe utilizar o jornal (O Globo), para entender até que ponto chegou o seu grau de influência da opinião pública quanto aos acontecimentos da década de 1960, porém sem esquecer que, conforme Dias, “é necessário tomar alguns cuidados com a ideia de manipulação exercida pelos meios de comunicação. O leitor não pode ser visto como uma massa amorfa, que pode ser ‘moldada’ contra seus próprios interesses [...]” (DIAS, 2013, p.65).

Dentro deste contexto, na década de 1960, a imprensa se mostrará cada vez mais contrária ao governo do presidente João Goulart e seu programa reformista popular tido como comunista e que desagradava a classe empresarial carioca e paulista, classe esta, que recebia apoio dos principais periódicos do período: [...] o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES, datado de 1963) era integrado por empresários paulistas e cariocas, inclusive proprietários dos principais jornais e que pretendiam defender a livre iniciativa [...] (MARTINS; LUCA, 2006, p. 97).

Isso é de suma importância para analisarmos o posicionamento da imprensa – neste caso do O Globo – quanto ao governo do presidente Goulart e como ela selecionou os fatos e os noticiou⁵ para o consumidor de seu periódico.

Vale ressaltar que a imprensa é um veículo que se dispõe a apresentar ao público o que lhe é mais pertinente, mas deve-se tomar cuidado para não cair na “armadilha” de que ela

⁵ Eugênio Bucci traz um exemplo muito interessante sobre como um fato pode ser noticiado e manipulado de forma a favorecer ou proteger um determinado grupo ou governo. Contando sobre a manifestação que ocorreu no dia 25 de janeiro de 1984, na praça da Sé, em São Paulo, a favor das eleições diretas para a Presidência da República, ele diz que “o Jornal Nacional tapeou o telespectador. [...] disse que aquilo acontecia em virtude da comemoração do aniversário da cidade. A manifestação era real [...] Mas o motivo que o Jornal Nacional atribuiu a ela não passava de invenção. [...] O Jornal Nacional enganou o cidadão naquela noite – e prosseguiu enganando durante semanas a fio, ao omitir as informações sobre a campanha por eleições diretas. Para quem só se inteirasse dos acontecimentos nacionais pelos noticiários da Globo, a campanha das diretas não existia” (BUCCI, 2008, p. 29)

representa a voz e os interesses da maioria. É sempre importante lembrar que “os jornais são empresas que, como outras, visam ao lucro, portanto não é improvável – apesar de condenável – que em alguns momentos se tornem aliados de governos, ou políticos [...]” (DIAS, 2013, p. 64). Entender o lugar de fala deste periódico, as motivações que o levou a noticiar e como foi apresentado determinado fato e a quem se destina é fundamental para compreendermos qual é a ideia que ele deseja passar para seus leitores com a informação selecionada.

Cronograma

PERÍODO	2020											
	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Cumprimento dos Créditos	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Levantamento Bibliográfico	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Fichamento da Bibliografia	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Coleta de Fontes					X	X	X	X	X	X	X	X
Transcrição das Fontes									X	X	X	X
Análise dos Dados										X	X	X

PERÍODO	2021											
	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Qualificação						X	X					
Coleta de Fontes	X	X	X	X	X							
Transcrição das Fontes	X	X	X	X	X							
Análise dos Dados	X	X	X	X	X							
Confronto dos Dados		X	X	X	X	X	X	X	X			
Redação da Dissertação	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Defesa da Dissertação												X

Bibliografia

BUCCI, E. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

DREIFUSS, René Armand. **1964: a conquista do estado: ação política, poder e golpe de classe**. Petrópolis: Vozes, 1981.

CORDEIRO, Janaína Martins. Femininas e formidáveis: o público e o privado na militância política da Campanha da Mulher pela Democracia (CAMDE). **Revista Gênero**, v. 8, p. 175-208, 2009. Disponível

em: <http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/Femininas_e_formidaveis_0.pdf>. Acesso em 16 mai. 2018.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre História e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 255-272, dez. 2017.

DIAS, Luiz Antonio. Vozes dissonantes: análise do jornal Folha de S. Paulo e de pesquisas do Ibope no golpe civil-militar de 1964. **Revista Verinotio**, n. 17, ano IX, p. 63-72. Disponível em <<https://www..com/sh/7lqgeok7basnolo/AAAxXxbAA0FYM5-D5IYwcgIva?dl=0>>. Acesso em 12 nov. 2019.

DIAS, Luiz Antonio; SOUSA, Rafael Lopes: Entre memória e o esquecimento: 1964-2014: o golpe ontem e hoje. **Projeto História**, n. 50, p. 171-201. Disponível em <<https://www.dropbox.com/sh/16rqmd0fhw0ct1t/AAD7DmcrijLMUZImluGXVuE9a?dl=0>>. Acesso em 12 nov. 2019.

FENAJ: Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Disponível em: <http://fenaj.org.br/wpcontent/uploads/2016/08/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros-1.pdf>. Acesso em: 17 de mai. de 2018

LEAL, Carlos Eduardo; MONTALVÃO, Sérgio. **Verbetes O Globo**. In: Dicionário Histórico Temático. Rio de Janeiro: Editora Getúlio Vargas/CPDOC. Versão Multimídia. Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/globo-o>>. Acesso em 24 de jan. de 2020

LUCA, Tania R. “**História dos, nos e por meio dos periódicos**”. In: PINSK, Carla B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

MARTINS, A. L.; LUCA, T. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 2006.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “perigo vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

O GLOBO: princípios editoriais. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/principios-editoriais/>>. Acesso em 19 de mai. de 2018.

PRESOT, Aline Alves. **As Marchas da família com Deus pela liberdade e o golpe de 1964**. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

SELEÇÕES Reader's Digest - novembro de 1964, p.103-105. Disponível em: <
<https://pt.scribd.com/doc/201919995/Selecoes-Reader-s-Digest-novembro-de-1964-pdf>>.
Acesso em 18 mai. 2018.

SESTINI, Dharana Pérola Ricardo. A **“mulher brasileira” em ação**: motivações e imperativos para o golpe militar de 1964. São Paulo: USP, 2008. 132 f. Tese (Mestrado História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em:
<file:///C:/Users/User/Desktop/PÓS/PROJETO/Bibliografia/a%20MULHER%20BRASILEIRA%20EM%20AÇÃO>. Acesso em 19 mai. 2018.